

Transformação no quintal: como as políticas públicas mudaram a vida de Marileide e sua família

"Minha vida hoje tá outra, melhorou bastante." A fala simples e direta de Marileide Silva dos Santos, agricultora familiar, de 43 anos, resume o impacto real das políticas públicas de convivência com o Semiárido no interior da Bahia. Mãe de quatro filhos, nascida e criada na comunidade de Morro do Guará, em Canápolis. Marileide guarda na memória o tempo em que a água era escassez extrema.

Na infância, antes do primeiro poço artesiano comunitário, a rotina familiar exigia buscar água longe: *"Meus pais pegavam água em uma lagoa lá em cima e, depois, em uma cacimbinha"*, relembra. Mais tarde, o poço comunitário aliviou a sede, mas a água salobra e insuficiente limitava o uso apenas às necessidades básicas do lar, sem possibilidade de irrigar qualquer cultivo. *"A água aqui era pouca, era só pra gente beber e fazer as atividades de casa. A mudança começou mesmo quando chegou a primeira cisterna de água para beber, lá em 2015. Ali já deu pra gente fazer alguma coisinha"*, conta.



A transformação deu um salto maior a partir de 2019, com o acesso ao programa PAIS (Produção Agroecológica Integrada e Sustentável) e, foi nesse ano que Marileide e sua família começou a plantar as primeiras hortaliças em seu quintal, porém ainda não tinha a quantidade de água suficiente para a produção e com o passar dos anos foi difícil manter suas hortaliças no período de seca.

Em 2025, com a chegada da segunda água, por meio do Programa Uma Terra e Duas Águas (P1+2), Marileide retornou com a produção em seu quintal, antes limitada a um pequeno canteiro com cheiro-verde e plantas medicinais, a propriedade ganhou variedade e volume.

Com a chegada do P1+2 veio também o Fomento Rural, Marileide investiu de forma estratégica em seu quintal, reestruturou o sistema PAIS e adquiriu um freezer para conservar a produção e agregar valor. Hoje, a rotina produtiva inclui a criação de galinhas, além do cultivo de alho, cebolinha, banana, limão, mamão, tomate, mandioca, couve, cenoura e beterraba.



A família também cultiva e preserva sementes crioulas. *"Sempre usamos as sementes crioulas, guardamos todo ano. As que a gente compra no mercado só prestam para um ano; no outro já não prestam mais. A gente usa a nossa semente para garantir a nossa segurança alimentar"*, destaca.

O cuidado e a forma de cultivo de dona Marileide é baseado em saberes ancestrais e também em práticas agroecológicas aprendidas nos momentos de formação do P1+2, ela utiliza biofertilizantes, compostagem e cobertura seca para proteger o solo. O controle natural de pragas também é feito na propriedade: *"Usamos folhas de mamão e de mamona para afastar insetos"*, explica.

Embora o foco principal da produção seja a subsistência e a garantia da segurança alimentar da família, o que reduziu bastante a necessidade e os custos de compras no supermercado, o que sobra no quintal já gera renda. Marileide já conseguiu vender coentro, alface e alho tanto na própria comunidade quanto em mercados da cidade.

Muito além de estruturas físicas ou recursos financeiros, as políticas públicas de convivência com o Semiárido devolvem a dignidade, fortalecem a soberania alimentar e garantem a permanência das famílias agricultoras em suas terras com qualidade de vida e autonomia.

